

VISÃO DO CORREIO

Reações acertadas aos ataques de Donald Trump

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva e outras autoridades brasileiras têm agido com correção ao preparar uma resposta institucional aos ataques injustificáveis do presidente Donald Trump contra a economia e a democracia do Brasil. Diante de ameaças à soberania nacional, o caminho adequado é a ação coordenada entre Executivo, Legislativo e Judiciário — dentro dos marcos legais, com serenidade e firmeza, e nos fóruns internacionais.

Carl von Clausewitz, teórico prussiano da guerra, ensinou que “a guerra é a continuação da política por outros meios”. No mundo atual, sanções econômicas, tarifas unilaterais e retaliações diplomáticas são formas de conflito travadas sem armas, mas com as estratégias de guerra. A política comercial agressiva de Trump se insere nessa lógica. A nova rodada de tarifas contra produtos brasileiros, incluindo aço, alumínio e agrícolas, deve ser interpretada não apenas como protecionismo, mas como instrumento de coerção.

Em 2023, os Estados Unidos foram o segundo maior parceiro comercial do Brasil, com US\$ 88,7 bilhões em trocas bilaterais. As exportações brasileiras somaram US\$ 36,3 bilhões, lideradas por petróleo, semimanufaturados de ferro e aeronaves. Já as importações atingiram US\$ 52,4 bilhões, com destaque para máquinas, eletrônicos e produtos químicos. A escada tarifária colocará em risco milhares de empregos e setores estratégicos da indústria nacional.

A resposta brasileira deve ser pragmática e inteligente. É necessário acionar mecanismos da OMC, articular-se com parceiros estratégicos — como União Europeia,

países do Sul Global e os demais membros do Brics — e reforçar o diálogo com atores internos nos Estados Unidos, especialmente com nossos parceiros comerciais, no Congresso e nos governos estaduais.

Mais do que uma disputa comercial, o Brasil enfrenta o avanço de uma estratégia política autoritária transnacional, que inspira parte da extrema-direita brasileira. A retórica golpista, já condenada pelo Supremo Tribunal Federal (STF) nos atos de 8 de janeiro de 2023, reaparece agora travestida de discurso antiglobalista e de alinhamento automático ao governo Trump e ao movimento Maga (America Great Again, Torne a América Grande Novamente, em português).

Não se trata de repetir erros do passado nem de alimentar confrontos ideológicos esquerda versus direita. Trata-se de defender a democracia e os interesses nacionais com os instrumentos do direito, da diplomacia e da razão. O eixo da reunião do Brics no Rio de Janeiro, nesta semana, não deu as costas ao Ocidente, apenas reafirmou o multilateralismo, que precisa ser reformado, mais equilibrado e eficaz, até para que os países em desenvolvimento possam mitigar os efeitos deletérios do protecionismo exacerbado e da agressividade tarifária dos EUA.

O tempo das alianças históricas se encerrou para os Estados Unidos, haja vista suas posições em relação ao Canadá, ao México e ao Japão. O mundo caminha para uma ordem mais fragmentada e instável. Nela, o Brasil precisa combinar sobriedade diplomática com defesa firme da legalidade e da soberania. A lição de Clausewitz continua válida: política e guerra não se separam — mas a política deve prevalecer.



MARCOS PAULO LIMA
marcospaulo.df@dabr.com.br

O jeito diferente de torcer

A Copa do Mundo de Clubes conseguiu atingir até o coração de quem não teve time para torcer aqui nos Estados Unidos, onde cubro a primeira edição do bem-sucedido torneio lançado pelo presidente da Fifa, Gianni Infantino. Em vez de se unirem por uma seleção, como daqui a menos de um ano em 2026, a mobilização é por um compatriota inscrito. O apoio escapa do “CNPJ” e se concentra no CPF.

A paixão dos equatorianos residentes nos EUA, por exemplo, é emocionante. Eles lamentam a ausência na decisão do zagueiro William Pacheco do Paris Saint-Germain. Expulso contra o Bayern de Munique nas quartas de final, ele foi punido pela Fifa com dois jogos de suspensão e não enfrentará o compatriota Moisés Caicedo na final de amanhã contra o Chelsea, às 16h, no MetLife Stadium, em New Jersey.

Os equatorianos dão de ombros para as ausências do Barcelona de Guayaquil, do Emelec, da Liga Universitaria de Quito (LDU), do Independiente del Valle ou de qualquer outro clube do país entre os 32 do torneio. É como se cada jogador nascido no país, sim, fosse uma equipe deles.

Os equatorianos e torcedores de outros países chegam pelo menos quatro horas antes do apito final, pagam pelo estacionamento, param o veículo, abrem o carro e iniciam o churrasco pré-jogo no estilo deles, vestidos como se a Seleção do Equador fosse acessar o gramado. É a tal da sensação de pertencimento.

Fui ao hotel onde o Chelsea está hospedado e lá encontrei uma família equatoriana debruçada na grade de segurança.

O casal e os dois filhos queriam muito ver, tocar, interagir com o volante Moisés Caicedo, um dos grandes nomes da campanha da equipe londrina na competição.

Henri, o chefe da família, falou com a esposa do jogador, entendeu o protocolo, mas não arrastou os pés da frente da concentração. Esperava pelo menos de um aceno. “Se não acontecer, nós entenderemos perfeitamente. O importante é saber a importância dele (Caicedo) para o nosso povo e o quanto ele nos representa”, disse.

Encontrei na passagem pelo hotel do Paris Saint-Germain um torcedor com a bandeira da Geórgia, uma das ex-república da extinta União Soviética. Mais uma prova de pertencimento. O fã incondicional esperava pela passagem do meia-atacante Khvicha Kvaratskhelia. Ele soletrou.

A Copa do Mundo de Clubes reorganizou a maneira de torcer e os fãs entenderam. Ao contrário da Geórgia, o Equador tem tradição no futebol da América do Sul. ALDU tem uma Libertadores no currículo. Barcelona de Guayaquil e Independiente del Valle foram vices. A Geórgia está longe de ostentar time de ponta na Conference League, a terceira divisão entre os torneios continentais do Velho Mundo, atrás da Europa League e da Champions League.

Quarto colocado na Copa de 2022 e um dos anfitriões em 2030, Marrocos emplacou o Wydad Casablanca na fase de grupos, mas nos arredores dos estádios há uma multiplicação de camisetas com o nome do lateral-direito Achraf Hakimi às costas. É a representação do país em campo no torneio — o orgulho marroquino.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Incivildade

Em 6 de julho último, dirigia no Eixo Monumental, sentido leste-oeste, às 10h. Em razão de uma corrida, os retornos foram bloqueados com barreiras. Buscando um retorno, segui até uma fileira de carros, todos realizando o retorno por uma barreira semiaberta. Segui o fluxo e, ao buscar a saída para retornar sentido oeste-leste do Eixo Monumental, fui acossado por uma viatura policial. Parei, imediatamente, para saber o porquê. Aparentemente, um policial saiu da viatura sem se apresentar nem me cumprimentar, nem solicitar documentos, e fotografou a placa de meu carro. Tentei explicar que segui o fluxo da fileira buscando retornar, e ele perguntou se havia policial na barreira, retrucando que eu a tinha violado e seria notificado. Perguntei-lhe como faria o retorno certo, pois estava confuso. Diante da postura intimidatória, ele me ordenou ir em frente, apontando para a fila que seguia sentido leste-oeste e afirmando que ele próprio autorizava. Pareceu desrespeitosa, arrogante, nada cordial a conduta policial, como se eu não fosse um cidadão, mas um meliante ameaçador. Registro ter vivenciado uma postura que reputo incivilizada, arrogante e desrespeitosa por parte de um agente público que deveria ser exemplo do oposto: educação, urbanidade, civilidade e cordialidade no trato cidadão.

» **Benny Schvartsberg**
Asa Norte

Prepotência

A modelo Andressa Urach deveria mudar, definitivamente, para os Estados Unidos. Ela tem tanta afinidade com a insana maldade do Donald Trump que causa vergonha. O seu vídeo postado nas redes sociais revela que ela não tem a menor noção do que significa a vil chantagem do déspota estadunidense. O Brasil não é uma colônia norte-americana. O nosso país tem soberania; tem uma Constituição democrática; e Poderes independentes. Quer anistia para um ex-presidente que liderou um atentado contra o Estado Democrático de Direito, com chantagem tarifária, é muita prepotência. Que ele aja assim no seu país. No Brasil, não há espaço para o seu autoritarismo

» **Paula Vicente**
Lago Sul

Patriotismo

A Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional (sim, não é erro de digitação) aprovou uma moção de louvor e regozijo a Donald Trump. A “homenagem” foi proposta pelo deputado Sóstenes Cavalcante (PL-RJ) e contou com o entusiasmado apoio de 21 votos da bancada da extrema-direita. O mais curioso, ou trágico, dependendo do ponto de vista, é que o gesto veio logo após Trump anunciar ao governo brasileiro uma taxa de 50%

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

O senhor Trump age como um legítimo “caubói fora da lei”. Fora da caixinha também.

Pacelli M. Zahler — Sudoeste

Estava na dúvida se votaria no Tarcísio de Freitas, caso ele se candidatasse à Presidência da República. Acabou a dúvida. Quem prioriza seus projetos pessoais em detrimento do país é um traidor da pátria.

Paulo Queiroz — Brasília

Quem se acostumou a ser capacho não entende o que significa defender a soberania de seu país.

Luiz Alves — Brasília

Ninguém que se alia a um agressor estrangeiro contra o seu próprio país merece ser levado a sério, muito menos ter um mandato político. Esse (Bolsonaro) deixou claro a quem é leal e não é ao Brasil.

Vladson Trindade — Barreirinha (MA)

sourinhas, com risco de queda ou atropelamento pelos velozes carros, donos privilegiados da cidade. Ah..., temos uma arquitetura monumental, admirada pelo mundo inteiro... E o pedestre? Ah..., que se vire em meio ao mato, lama e íngremes rampas para atalhar as enormes voltas do traçado urbanístico. Participei do lançamento do livro com substancioso debate, no Museu Nacional da República, na noite de quinta-feira. Arquitetos, professores da UnB participaram da mesa e ao lado do autor deram excelentes contribuições. O professor Carlos Henrique Siqueira corroborou a tese do autor Diego Bressani, de que o pedestre não tem opção, como calçada e passarelas, e, por isso, tem de fazer o próprio caminho para fugir da violência do trânsito. Suas fotos mostram isso. O pedestre se vale da lei à qual todos obedecemos: a lei do menor esforço. O atalho fala mais forte. Ninguém dá volta de 1km ou mais, contornando avenidas para se chegar a um lugar distante apenas 200 metros em linha reta. Os pedestres saem das paradas de ônibus e fazem seus atalhos, em períodos certos: entre 6h e 7h (trabalhadores da construção civil), das 7h às 8h ou pouco mais, os comerciais e domésticas e no sentido inverso das 17h às 19h. Além da real falta de opção de caminhos, acrescento outros dois fatores preponderantes, a pressa pela manhã e o cansaço do final da jornada. Ambos convidam ao atalho, pois a lei do menor esforço fala mais alto. Urbanistas e autoridades precisam cuidar de melhorar a mobilidade dos pedestres e deixar de tratá-los como se estivessem em vida selvagem, que abre trilhas em matas, alagados e precipícios. Que esse livro seja lido pelos profissionais urbanistas, governantes e políticos.

» **Paulo Roberto**
Asa Sul

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegará”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

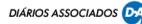
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empreito terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE — Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A. Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h / domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br